



VLADÍMIR ILITCH LÊNIN

**IMPERIALISMO, ESTÁGIO
SUPERIOR DO CAPITALISMO**

ENSAIO DE DIVULGAÇÃO AO PÚBLICO

TRADUÇÃO: EDIÇÕES AVANTE! E PAULA VAZ DE ALMEIDA



© Boitempo, 2021
© Edições “Avante!”, Lisboa, 1984, para a tradução em língua portuguesa

Direção-geral Ivana Jinkings
Conselho editorial Antonio Carlos Mazzeo, Antonio Rago,
Fábio Palácio, Ivana Jinkings, Marcos Del Roio,
Marly Vianna, Milton Pinheiro, Slavoj Žižek
Edição Carolina Mercês
Assistência editorial Pedro Davoglio
Tradução Edições Avante! (textos de Lênin) e Paula Vaz
de Almeida (texto de Nadiejda Krúpskaia)
Revisão da tradução portuguesa Paula Vaz de Almeida
Preparação Mariana Echalar
Revisão Sílvia Balderama Nara
Coordenação de produção Lívia Campos
Capa e aberturas Maikon Nery
Diagramação Antonio Kehl

Equipe de apoio Artur Renzo, Camila Nakazone, Débora Rodrigues, Elaine Ramos, Frederico Indiani, Heleni Andrade,
Higor Alves, Ivam Oliveira, Jéssica Soares, Kim Doria, Luciana Capelli, Marcos Duarte, Marina Valeriano, Marissol
Robles, Marlene Baptista, Maurício Barbosa, Raí Alves, Thais Rimkus, Tulio Candiottto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L585i

Lênin, Vladímir Ilitch, 1870-1924
Imperialismo, estágio superior do capitalismo : ensaio de divulgação ao público /
Vladímir Ilitch Lênin ; [tradução Edições Avante!] ; revisão da tradução Paula Vaz de
Almeida. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2021.
(Arsenal Lênin ; 5)

Tradução de: Империализм как высшая стадия капитализма
“Apêndice: capítulo da biografia Memórias de Lênin, por Nadiejda Krúpskaia”
Inclui bibliografia e índice
ISBN 978-65-5717-094-6

1. Imperialismo. 2. Capitalismo. I. Edições Avante! (Firma). II. Almeida, Paula
Vaz de. III. Título. IV. Série.

21-72603

CDD: 330.122
CDU: 330.342.14

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: setembro de 2021

BOITEMPO
Jinkings Editores Associados Ltda.
Rua Pereira Leite, 373
05442-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 3875-7250 / 3875-7285
editor@boitempoeditorial.com.br
boitempoeditorial.com.br | blogdaboitempo.com.br
facebook.com/boitempo | twitter.com/editoraboitempo
youtube.com/tvboitempo | instagram.com/boitempo

SUMÁRIO

NOTA DA EDIÇÃO, 7

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA – *Marcelo Pereira Fernandes*, 9

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO, 23

PREFÁCIO ÀS EDIÇÕES FRANCESA E ALEMÃ, 25

IMPERIALISMO, ESTÁGIO SUPERIOR DO CAPITALISMO, 33

I. CONCENTRAÇÃO DA PRODUÇÃO E MONOPÓLIOS, 35

II. OS BANCOS E O SEU NOVO PAPEL, 51

III. CAPITAL FINANCEIRO E OLIGARQUIA FINANCEIRA, 69

IV. A EXPORTAÇÃO DE CAPITAL, 85

V. A PARTILHA DO MUNDO ENTRE AS ASSOCIAÇÕES DE CAPITALISTAS, 91

VI. A PARTILHA DO MUNDO ENTRE AS GRANDES POTÊNCIAS, 101

VII. IMPERIALISMO, ESTÁGIO PARTICULAR DO CAPITALISMO, 113

VIII. O PARASITISMO E A DECOMPOSIÇÃO DO CAPITALISMO, 125

IX. CRÍTICA DO IMPERIALISMO, 135

X. O LUGAR HISTÓRICO DO IMPERIALISMO, 149

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 155

ANEXO DA EDIÇÃO BRASILEIRA – ZURIQUE, 1916 – *Nadiejda Krúpskaia*, 161

ÍNDICE ONOMÁSTICO, 181

CRONOLOGIA, 185

VI

A PARTILHA DO MUNDO ENTRE AS GRANDES POTÊNCIAS

Em seu livro sobre o “desenvolvimento territorial das colônias europeias”¹, o geógrafo A. Supan fornece o seguinte resumo desse desenvolvimento nos fins do século XIX:

Porcentagem de território pertencente às potências coloniais europeias (incluindo os Estados Unidos)

	1876	1900	Diferenças
Na África	10,8%	90,4%	+79,6%
Na Polinésia	56,8%	98,9%	+42,1%
Na Ásia	51,5%	56,6%	+5,1%
Na Austrália	100%	100%	—
Na América	27,5%	27,2%	-0,3%

“O traço característico desse período”, conclui o autor, “é, portanto, a partilha da África e da Polinésia.” Na medida em que nem na Ásia nem na América existem terras desocupadas, ou seja, que não pertençam a nenhum Estado, é preciso ampliar a conclusão de Supan e dizer que o traço característico do período considerado é a partilha definitiva do planeta Terra, definitiva não no sentido de que não seja possível uma *redistribuição* – pelo contrário, as redistribuições são possíveis e inevitáveis –, mas no sentido de que a política colonial dos países capitalistas já *concluiu* a conquista de todas as terras desocupadas do nosso planeta. Pela primeira vez, o mundo encontra-se já dividido, de tal modo que o que vem a seguir é *somente* uma

¹ Alexander Supan, *Die territoriale Entwicklung der europäischen Kolonien* (Gotha, Justus Pethers, 1906), p. 254.

redistribuição, ou seja, a passagem de um “proprietário” para outro, e não a passagem de um território sem dono para um “dono”.

Estamos vivenciando, portanto, uma época peculiar da política colonial mundial, que se encontra intimamente ligada ao “mais recente patamar de desenvolvimento do capitalismo”, ao capital financeiro. Por isso é fundamental nos determos, acima de tudo, e de modo mais detalhado, nos dados concretos, para que seja possível esclarecer com mais precisão a diferença existente entre esta época e as anteriores, bem como a situação do presente. Em primeiro lugar, surgem aqui duas questões concretas: se haveria uma intensificação da política colonial, um agravamento da luta pelas colônias, precisamente na época do capital financeiro e, em relação a isso, como exatamente o mundo está dividido neste momento.

O escritor estadunidense Morris, em seu livro sobre a história da colonização², procura reunir dados sobre a extensão das posses coloniais da Inglaterra, França e Alemanha nos diferentes períodos do século XIX. Eis, de modo abreviado, os resultados por ele obtidos:

Dimensão das posses coloniais

Anos	Inglaterra		França		Alemanha	
	Área (em milhões de quilômetros quadrados)	População (em milhões)	Área (em milhões de quilômetros quadrados)	População (em milhões)	Área (em milhões de quilômetros quadrados)	População (em milhões)
1815- -1830	?	126,4	0,05	0,5	—	—
1860	6,47	145,1	0,52	3,4	—	—
1880	19,94	267,9	1,81	7,5	—	—
1899	24,09	309,0	9,58	56,4	2,59	14,7

Para a Inglaterra, o período de enorme intensificação das conquistas coloniais corresponde aos anos 1860 a 1890 e é muito considerável nos últimos vinte anos do século XIX. Para a França e a Alemanha, corresponde

² Henry C. Morris, *The History of Colonization* (Nova York, Macmillan, 1900), v. 2, p. 88; v. 1, p. 419; v. 2, p. 304.

exatamente a esses vinte anos. Vimos antes que o período de desenvolvimento máximo do capitalismo pré-monopolista, o capitalismo em que predomina a livre concorrência, vai de 1860 a 1870. Estamos vendo agora que, *exatamente depois desse período*, começa a enorme “ascensão” das conquistas coloniais, que agrava até um grau extraordinário a luta pela partilha territorial do mundo. Não há dúvida, portanto, de que a passagem do capitalismo ao patamar do capitalismo monopolista, ao capital financeiro, está *conectada* ao agravamento da luta pela partilha do mundo.

Hobson destaca em sua obra sobre o imperialismo o período de 1884 a 1900 como uma época de intensa “expansão” (ampliação territorial) dos principais Estados europeus. Segundo os seus cálculos, a Inglaterra adquiriu durante esse período 9,58 milhões de quilômetros quadrados, com uma população de 57 milhões de habitantes; a França, 9,32 milhões de quilômetros quadrados, com 36,5 milhões de habitantes; a Alemanha, 2,59 milhões de quilômetros quadrados, com 14,7 milhões de habitantes; a Bélgica, 2,33 milhões de quilômetros quadrados, com 30 milhões de habitantes; Portugal, 2,07 milhões de quilômetros quadrados, com 9 milhões de habitantes. A corrida por colônias em fins do século XIX, sobretudo a partir da década de 1880, por parte de todos os Estados capitalistas representa um fato notório da história da diplomacia e da política externa.

Na época de maior florescimento da livre concorrência na Inglaterra, entre 1840 e 1860, os dirigentes políticos burgueses deste país eram *contra* a política colonial, consideravam útil e inevitável a emancipação das colônias e a sua separação completa da Inglaterra. M. Beer aponta, em seu artigo publicado em 1898 sobre o “mais recente imperialismo inglês”³, que em 1852 um estadista britânico como Disraeli, tão favorável em geral ao imperialismo, declarava: “As colônias são como pedras de moinho no nosso pescoço”. Já em fins do século XIX, os heróis do dia na Inglaterra eram Cecil Rhodes e Joseph Chamberlain, que preconizavam abertamente o imperialismo e aplicavam a política imperialista com o maior cinismo!

³ Max Beer, “Der moderne englische Imperialismus”, *Die Neue Zeit*, v. 16, n. 1, 1898, p. 302.

Não deixa de ter interesse o fato de que a conexão entre as raízes puramente econômicas, por assim dizer, do imperialismo mais recente e as suas raízes sociais e políticas já estava clara na época para esses dirigentes políticos da burguesia inglesa. Chamberlain pregava o imperialismo como uma “política verdadeira, sábia e econômica”, assinalando, sobretudo, a concorrência que a Inglaterra agora encontra no mercado mundial por parte da Alemanha, dos Estados Unidos e da Bélgica. A salvação está no monopólio – diziam os capitalistas, fundando cartéis, sindicatos, trustes. A salvação está no monopólio – repetiam os líderes políticos da burguesia, apressando-se em apoderar-se das partes do mundo ainda não repartidas. E Cecil Rhodes, segundo conta seu amigo íntimo, o jornalista Stead, dizia-lhe em 1895, a propósito das suas ideias imperialistas:

Ontem estive no East-End londrino [bairro operário] e assisti a uma assembleia de desempregados. Ao ouvir ali discursos ferozes cujo grito dominante era: Pão!, Pão!, e ao refletir, a caminho de casa, sobre o que tinha ouvido, convenci-me, mais do que nunca, da importância do imperialismo. [...] A ideia que acalento representa a solução do problema social: para salvar os 40 milhões de habitantes do Reino Unido de uma mortífera guerra civil, nós, os políticos coloniais, devemos nos apoderar de novos territórios para o estabelecimento do excedente da população, para a aquisição de novos mercados para os produtos das nossas fábricas e das nossas minas. O império, eu sempre disse isso, é uma questão de estômago. Se quiserem evitar uma guerra civil, devem se tornar imperialistas.⁴

Assim falava, em 1895, Cecil Rhodes, milionário, rei da finança e principal culpado pela guerra anglo-bôer; mas note-se que sua defesa do imperialismo, simplesmente grosseira, cínica, não difere na essência da “teoria” dos senhores Máslov, Südekum, Potréssov, David, do fundador do marxismo russo etc. etc. Cecil Rhodes era um social-chauvinista um pouco mais honesto...

Para oferecer um panorama o mais exato possível do quadro da partilha territorial do mundo e das mudanças nesse sentido nas últimas décadas, utilizaremos os resumos que Supan fornece na obra citada sobre as posses coloniais de todas as potências do mundo. Supan compara os anos 1876 e

⁴ Ibidem, p. 304.

1900; nós tomaremos o ano de 1876 – ponto muito acertadamente escolhido, já que se pode considerar, em termos gerais, ser precisamente nessa época que termina o desenvolvimento do capitalismo da Europa Ocidental em seu estágio pré-monopolista – e o ano de 1914, substituindo os números de Supan pelos mais recentes de Hübner, de acordo com as *Tabelas Geográfico-Estatísticas*. Supan toma apenas as colônias; nós consideramos útil – para que o quadro da partilha do mundo seja completo – acrescentar dados resumidos sobre os países não coloniais e as semicolônias, entre as quais incluímos a Pérsia, a China e a Turquia: o primeiro desses países transformou-se já quase completamente em colônia; o segundo e o terceiro seguem o mesmo caminho.

Obtemos o seguinte resultado:

**Posses coloniais das grandes potências
(em milhões de quilômetros quadrados e em milhões de habitantes)**

Países	Colônias				Metrópoles		Total	
	1876		1914		1914		1914	
	km ²	hab.						
Inglaterra	22,5	251,9	33,5	393,5	0,3	46,5	33,8	440,0
Rússia	17,0	15,9	17,4	33,2	5,4	136,2	22,8	169,4
França	0,9	6,0	10,6	55,5	0,5	39,6	11,1	95,1
Alemanha	—	—	2,9	12,3	0,5	64,9	3,4	77,2
Estados Unidos	—	—	0,3	9,7	9,4	97,0	9,7	106,7
Japão	—	—	0,3	19,2	0,4	53,0	0,7	72,2
Total para as 6 grandes potências	40,4	273,8	65,0	523,4	16,5	437,2	81,5	960,6
Colônias de outras potências (Bélgica, Holanda etc.)							9,9	45,3
Semicolônias (Pérsia, China, Turquia)							14,5	361,2
Demais países							28,0	289,9
Toda a Terra							133,9	1.657,0

Vê-se claramente como, em fins do século XIX e princípios do século XX, já havia sido “concluída” a partilha do mundo. As posses coloniais aumentaram em proporções gigantescas depois de 1876: em mais de uma vez e meia, de 40 milhões para 65 milhões de quilômetros quadrados para as seis potências mais importantes; o aumento é de 25 milhões de quilômetros quadrados, uma vez e meia a área das metrópoles (16,5 milhões). Três potências não possuíam colônias em 1876 e uma quarta, a França, quase não as tinha. Em 1914, essas quatro potências haviam adquirido colônias com uma área de 14,1 milhões de quilômetros quadrados, ou seja, cerca de uma vez e meia a área da Europa, com uma população de quase 100 milhões de habitantes. A desigualdade na expansão colonial é muito grande. Se compararmos, por exemplo, a França, a Alemanha e o Japão, que não são muito diferentes em área e número de habitantes, verificamos que o primeiro desses países adquiriu quase três vezes mais colônias (em área) que o segundo e o terceiro juntos. Mas, pela importância do capital financeiro, a França, no princípio do período considerado, era também, talvez, algumas vezes mais rica do que a Alemanha e o Japão juntos. A dimensão das posses coloniais, além das condições puramente econômicas, e com base nelas, também é influenciada pelas condições geográficas, entre outras. Por mais intenso que tenha sido, durante os últimos decênios, o nivelamento do mundo, a equalização das condições econômicas e de vida dos diferentes países sob a pressão da grande indústria, da troca e do capital financeiro, a diferença continua a ser considerável, e entre os seis países citados, observamos, por um lado, países capitalistas jovens, que progrediram com uma rapidez extraordinária (Estados Unidos, Alemanha e Japão), e, por outro, os países do velho desenvolvimento capitalista, que, durante o último período, progrediram muito mais lentamente do que os anteriores (França e Inglaterra); em terceiro lugar, figura um país, o mais atrasado do ponto de vista econômico (Rússia), no qual o imperialismo capitalista moderno se encontra entrelaçado, por assim dizer, numa rede particularmente densa de relações pré-capitalistas.

Ao lado das posses coloniais das grandes potências, colocamos as colônias menos importantes dos Estados pequenos, que são, por assim dizer, o objetivo imediato, possível e provável, da “redistribuição” das colônias. A

maior parte desses Estados pequenos conserva as suas colônias somente graças ao fato de que, entre os grandes, existem interesses opostos, atritos etc. que impedem um acordo para a divisão do espólio. No que se refere aos Estados “semicoloniais”, estes nos dão um exemplo das formas de transição que encontramos em todas as esferas da natureza e da sociedade. O capital financeiro é uma força tão grande, pode se dizer, tão decisiva em todas as relações econômicas e internacionais, que é capaz de subordinar, e de fato subordina, mesmo os Estados que contam com uma independência política mais completa; veremos exemplos disso a seguir. Mas, evidentemente, a subordinação mais lucrativa e “cômoda” para o capital financeiro é uma subordinação *tal* que traz consigo a perda da independência política dos países e dos povos subordinados. Os países semicoloniais são típicos, nesse sentido, como um “meio-termo”. Está claro que a luta por esses países semidependentes tenha particularmente se agravado na época do capital financeiro, quando o resto do mundo já se encontrava dividido.

A política colonial e o imperialismo existiam já antes do mais recente patamar em que se encontra o capitalismo e até antes do capitalismo. Roma, baseada na escravidão, conduziu uma política colonial e praticou o imperialismo. Mas as considerações “gerais” sobre o imperialismo que esquecem ou relegam a segundo plano as diferenças radicais entre as formações econômico-sociais convertem-se inevitavelmente em banalidades vazias ou fanfarrônicas, tais como comparar “a grande Roma com a Grã-Bretanha”⁵. Mesmo a política colonial capitalista dos estágios *anteriores* do capitalismo é essencialmente diferente da política colonial do capital financeiro.

A particularidade fundamental do capitalismo moderno consiste na dominação exercida pelas associações monopolistas dos grandes proprietários. Tais monopólios são mais robustos quando arrebataem em uma única mão *todas* as fontes de matérias-primas, e já vimos com que ardor as associações internacionais de capitalistas dirigem os seus esforços para retirar do adversário qualquer possibilidade de concorrência, para adquirir, por exemplo,

⁵ Charles P. Lucas, *Greater Rome and Greater Britain* (Oxford, Clarendon, 1912); ou Evelyn Baring, conde de Cromer, *Ancient and Modern Imperialism* (Londres, John Murray, 1910).

as terras que contêm minério de ferro, as jazidas de petróleo etc. A posse de colônias é a única coisa que dá plenas garantias ao sucesso do monopólio contra todas as contingências da luta com o oponente, mesmo quando este procura se defender com uma lei que implante o monopólio estatal. Quanto maior o desenvolvimento do capitalismo, quanto mais sensível se torna a insuficiência de matérias-primas, quanto mais agudas são a concorrência e a corrida por fontes de matérias-primas em todo o mundo, tanto mais encarniçada é a luta pela aquisição de colônias.

“Podemos arriscar a afirmação”, escreve Schilder, “que a alguns parecerá paradoxal, de que o crescimento da população urbana e industrial, num futuro mais ou menos próximo, pode encontrar mais obstáculos na insuficiência de matérias-primas para a indústria do que na de produtos alimentícios.” É assim, por exemplo, que se acentua a escassez de madeira (que encarece cada vez mais), peles e matérias-primas para a indústria têxtil.

As associações de industriais tentam estabelecer o equilíbrio entre a agricultura e a indústria no quadro de toda a economia mundial; podemos citar como exemplo a união internacional das associações de fabricantes de tecidos de algodão, que reúne alguns dos países industriais mais importantes, fundada em 1904, e a união europeia de associações de fabricantes de tecidos de linho, constituída em 1910 à imagem da anterior.⁶

É claro que os reformistas burgueses, e entre eles, sobretudo, os atuais kautskistas, procuram atenuar a importância desses fatos, afirmando que as matérias-primas “poderiam ser” adquiridas no livre mercado, sem uma política colonial “cara e perigosa”; que a oferta de matérias-primas “poderia ser” aumentada em proporções gigantescas com o “simples” melhoramento das condições da agricultura em geral. Mas essas alegações convertem-se numa apologia do imperialismo, no seu embelezamento, pois se baseiam no esquecimento da principal particularidade do capitalismo mais recente: os monopólios. O livre mercado é cada vez mais do domínio do passado, os sindicatos e trustes monopolistas reduzem-no a cada dia, e a “simples” melhora das condições da agricultura traduz-se na melhora da situação das massas,

⁶ Sigmund Schilder, *Entwicklungstendenzen der Weltwirtschaft*, cit., p. 38-42.

na elevação dos salários e na diminuição dos lucros. Onde é que existem, a não ser na fantasia dos doces reformistas, trustes que sejam capazes de se preocupar com a situação das massas, e não com a conquista de colônias?

Para o capital financeiro não são apenas as fontes de matérias-primas já descobertas que têm importância, mas também as possíveis, pois a técnica avança com uma rapidez incrível nos nossos dias, e as terras que hoje não são aproveitáveis podem se tornar terras úteis amanhã, se forem descobertos novos métodos (para cujo efeito um grande banco pode enviar uma expedição especial de engenheiros, agrônomos etc.), se forem investidos grandes capitais. O mesmo acontece com a exploração de riquezas minerais, com os novos métodos de elaboração e utilização de tais ou quais matérias-primas etc. etc. Daí a tendência inevitável do capital financeiro de ampliar o seu território econômico e até o seu território em geral. Assim como os trustes capitalizam os seus bens atribuindo-lhes o dobro ou o triplo do seu valor, considerando os lucros “possíveis” no futuro (e não os lucros presentes), considerando os resultados posteriores do monopólio, também o capital financeiro, em geral, procura se apoderar das maiores extensões possíveis de terra, seja ela qual for, esteja onde estiver, por um ou outro meio, considerando as fontes possíveis de matérias-primas, temendo ficar para trás na luta furiosa pelas últimas porções ainda não repartidas do mundo ou por porções na redistribuição do que já foi repartido.

Os capitalistas ingleses procuram de todas as maneiras desenvolver a produção de algodão na *sua* colônia, o Egito – em 1904, dos 2,3 milhões de hectares de terra cultivada no Egito, 0,6 milhão, isto é, mais de um quarto, era já destinado ao algodão –, e os russos fazem o mesmo na *sua* colônia, o Turquestão, porque, desse modo, podem vencer mais facilmente os seus concorrentes estrangeiros, podem promover mais facilmente a monopolização das fontes de matérias-primas, a criação de um truste têxtil mais econômico e mais lucrativo, com uma produção “combinada” que concentre em uma única mão *todas* as etapas da produção e da transformação do algodão.

Os interesses da exportação de capital impulsionam igualmente a conquista de colônias, pois no mercado colonial é mais fácil (e às vezes só nele é possível), utilizando meios monopolistas, eliminar o concorrente, garantir encomendas, consolidar as “conexões” necessárias etc.

A superestrutura extraeconômica que se ergue sobre a base do capital financeiro, sua política e ideologia, intensificam a tendência às conquistas coloniais. “O capital financeiro não quer a liberdade, mas o domínio”, diz com razão Hilferding. E um escritor burguês da França, como se ampliasse e complementasse as ideias de Cecil Rhodes que citamos antes, escreve que é necessário juntar as causas de ordem social às causas econômicas da política colonial contemporânea:

Em consequência das crescentes dificuldades da vida, que não atingem só as multitudes operárias, mas também as classes médias, em todos os países de velha civilização acumulam-se “impaciência, rancores, ódios que ameaçam a paz pública, energias desviadas do seu meio social, forças tumultuosas que é preciso captar para as empregar fora do país, se não quisermos que explodam no interior”.⁷

Em se tratando da política colonial da época do imperialismo capitalista, é fundamental notar que o capital financeiro e sua política internacional correspondente, que se traduz na luta das grandes potências pela partilha econômica e política do mundo, criam um sem-número de formas *transitórias* de dependência estatal. Para essa época, são típicos não só os dois grupos fundamentais de países – os que possuem colônias e as colônias –, mas também as diversas formas de países dependentes que, politicamente, formalmente, são independentes, mas, na prática, estão emaranhados nas teias da “dependência” financeira e diplomática. Uma dessas formas, a da semicolônia, já foi indicada anteriormente. Outra amostra é, por exemplo, a Argentina.

“A América do Sul e, em especial a Argentina”, diz Schulze-Gaevernitz no seu livro sobre o imperialismo britânico, “encontra-se em tal dependência financeira de Londres que quase a devemos qualificar de colônia comercial inglesa.”⁸ Segundo Schilder, os capitais investidos pela Inglaterra na Argentina, de acordo com os dados fornecidos em 1909 pelo cônsul austro-húngaro em

⁷ Maurice Wahl, *La France aux colonies* (Paris, Librairies-Imprimeries Réunies, 1896), citado em Henri Russier, *Le Partage de l’Océanie* (Paris, Vuibert et Nony, 1905), p. 165.

⁸ Gerhard von Schulze-Gaevernitz, *Britischer Imperialismus und englischer Freihandel zu Beginn des 20-ten Jahrhunderts* (Leipzig, Duncker & Humblot, 1906), p. 318. O mesmo raciocínio vemos em Sartorius von Waltershausen, *Das volkswirtschaftliche System der Kapitalanlage im Ausland* (Berlim, Gruyter, 1907), p. 46.

Buenos Aires, chegavam a 8,75 bilhões de francos. Não é difícil imaginar as fortes relações que isso assegura ao capital financeiro – e à sua fiel “amiga”, a diplomacia – da Inglaterra com a burguesia da Argentina, com os círculos dirigentes de toda a sua vida econômica e política.

O exemplo de Portugal nos mostra uma forma ligeiramente diferente de dependência financeira e diplomática que conserva a independência política. Portugal é um Estado independente, soberano, mas, de fato, está há mais de duzentos anos, desde a Guerra da Sucessão de Espanha (1701-1714), sob o protetorado da Inglaterra. A Inglaterra defendeu Portugal e suas posses coloniais para fortalecer sua posição na luta contra seus adversários: a Espanha e a França. Em troca, obteve vantagens comerciais, melhores condições para a exportação de mercadorias e, sobretudo, para a exportação de capital para Portugal e suas colônias, a possibilidade de utilizar os portos e as ilhas de Portugal, seus cabos telegráficos etc. etc.⁹ Relações desse tipo entre grandes e pequenos Estados sempre existiram, mas na época do imperialismo capitalista tornam-se o sistema geral, entram como uma parte na soma das relações de “partilha do mundo”, convertem-se em elos da cadeia de operações do capital financeiro mundial.

Para encerrar a questão da partilha do mundo, devemos notar ainda o seguinte. Não só a literatura estadunidense, depois da guerra hispano-americana, e a inglesa, depois da guerra anglo-bôer, apresentaram o assunto de modo completamente aberto e definido em fins do século XIX e princípios do XX, não só a literatura alemã, que seguia “de maneira mais zelosa” o “imperialismo britânico”, tem apreciado sistematicamente esse fato. Também a literatura burguesa francesa apresentou a questão de modo suficientemente claro e amplo, na medida em que isso é possível de um ponto de vista burguês. Estamos nos referindo ao historiador Driault, autor de *Problemas políticos e sociais de fins do século XIX*, que diz o seguinte, no capítulo sobre “As grandes potências e a partilha do mundo”:

Nestes últimos anos, todos os territórios livres da Terra, com exceção da China, foram ocupados pelas potências da Europa ou pela América do Norte.

⁹ Sigmund Schilder, *Entwicklungstendenzen der Weltwirtschaft*, cit., p. 160-1.

Produziram-se já, com base nisso, alguns conflitos e deslocamentos de influência, precursores de transformações mais terríveis num futuro próximo. Porque é preciso andar depressa: as nações que não se abasteceram correm o risco de não o estarem nunca e não tomarem parte na exploração gigantesca da Terra, que será um dos fatos mais essenciais do próximo século [isto é, do século XX]. Eis por que toda a Europa e a América se viram recentemente presas da febre de expansão colonial, do “imperialismo”, que é a característica mais notável dos fins do século XIX.

E o autor acrescenta:

Com essa partilha do mundo, com essa corrida furiosa atrás das riquezas e dos grandes mercados da Terra, a força relativa dos impérios criados neste século XIX não tem já qualquer proporção com o lugar que ocupam na Europa as nações que os criaram. As potências predominantes na Europa, que são os árbitros dos seus destinos, *não* predominam igualmente em todo o mundo. E como o poderio colonial, esperança de riquezas ainda não calculadas, terá repercussão evidentemente na força relativa dos Estados europeus, a questão colonial – o “imperialismo”, se quiser –, que já modificou as condições políticas da própria Europa, vai modificá-las cada vez mais.¹⁰

¹⁰ Edouard Driault, *Les Problèmes politiques et sociaux à la fin du XIXe siècle* (Paris, Félix Alcan, 1900), p. 299.

VII

IMPERIALISMO, ESTÁGIO PARTICULAR DO CAPITALISMO

Devemos agora tentar fazer um certo balanço, resumir o que dissemos anteriormente sobre o imperialismo. O imperialismo surgiu como desenvolvimento e continuação direta das características fundamentais do capitalismo em geral. Mas o capitalismo tornou-se imperialismo capitalista apenas quando chegou a um determinado estágio, muito elevado, de seu desenvolvimento, quando algumas de suas características fundamentais começaram a se transformar no seu oposto, quando ganharam corpo e se manifestaram em toda a linha os traços da época de transição do capitalismo para uma estrutura econômica e social mais elevada. Economicamente, é fundamental nesse processo a substituição da livre concorrência capitalista pelos monopólios capitalistas. A livre concorrência é a característica fundamental do capitalismo e da produção mercantil em geral; o monopólio é o oposto direto da livre concorrência, mas esta última começou a se transformar diante dos nossos olhos em monopólio, criando a grande produção, suplantando a pequena, substituindo a grande por uma maior, terminando por concentrar a produção e o capital de tal maneira que, a partir dele, surgiu e surge o monopólio: os cartéis, os sindicatos, os trustes, fundindo-se com eles o capital de uma escassa dezena de bancos que manipulam bilhões. Ao mesmo tempo, os monopólios, que derivam da livre concorrência, não a eliminam, mas existem acima e ao lado dela, engendrando, assim, contradições, atritos e conflitos particularmente agudos e severos. O monopólio é a transição do capitalismo para um sistema mais elevado.

Se fosse indispensável dar uma definição o mais breve possível do imperialismo, seria preciso dizer que o imperialismo é o estágio monopolista do capitalismo. Essa definição compreenderia o principal, pois, por um lado, o

capital financeiro é o capital bancário de alguns grandes bancos monopolistas fundido com o capital das associações monopolistas de industriais e, por outro, a partilha do mundo é a transição de uma política colonial que se estendeu sem obstáculos às regiões não apropriadas por nenhuma potência capitalista para uma política colonial de posse monopolista dos territórios da Terra, já inteiramente repartida.

Mas as definições excessivamente breves, ainda que convenientes, pois contêm o principal, são de qualquer maneira insuficientes, já que se devem extrair delas especialmente traços muito importantes daquilo que se deve definir. Por isso, sem esquecer o caráter condicional e relativo de todas as definições em geral, que nunca podem abranger, em todos os seus aspectos, as múltiplas relações de um fenômeno no seu completo desenvolvimento, convém dar uma definição do imperialismo que inclua os cinco traços fundamentais seguintes: 1) a concentração da produção e do capital elevada a um patamar tão elevado de desenvolvimento que criou os monopólios, os quais desempenham um papel decisivo na vida econômica; 2) a fusão do capital bancário com o capital industrial e a criação, baseada nesse “capital financeiro”, da oligarquia financeira; 3) a exportação de capital, diferentemente da exportação de mercadorias, adquire um significado particularmente importante; 4) a formação de associações internacionais monopolistas de capitalistas, que dividem o mundo entre si, e 5) o término da partilha territorial do mundo entre as grandes potências capitalistas. O imperialismo é o capitalismo no estágio de desenvolvimento em que se formou a dominação dos monopólios e do capital financeiro, adquiriu marcada importância a exportação de capital, deu-se início à partilha do mundo pelos trustes internacionais e terminou a partilha de toda a Terra entre os grandes países capitalistas.

Mais adiante veremos como se pode e deve definir de outro modo o imperialismo, se tivermos em vista não só os conceitos fundamentais puramente econômicos (aos quais se limita a definição dada), mas também o lugar histórico que esse estágio do capitalismo ocupa em relação ao capitalismo em geral, ou a relação entre o imperialismo e as duas tendências fundamentais do movimento operário. Agora devemos notar que, interpretado no

sentido indicado, o imperialismo representa em si, sem dúvida, um estágio particular de desenvolvimento do capitalismo. Para oferecer ao leitor uma apresentação o mais fundamentada possível do imperialismo, procuramos deliberadamente reproduzir o maior número de opiniões de economistas *burgueses* que se viram obrigados a reconhecer os fatos mais recentes da economia capitalista, estabelecidos de maneira particularmente incontestável. Com o mesmo objetivo, reproduzimos dados estatísticos minuciosos que permitem ver até que ponto cresceu o capital bancário etc., em que precisamente se expressa a transição da quantidade para a qualidade, a transição do capitalismo desenvolvido para o imperialismo. Não é preciso dizer, claro, que na natureza e na sociedade todos os limites são convencionais e mutáveis, que seria absurdo discutir, por exemplo, o ano ou a década precisa em que se instaurou “definitivamente” o imperialismo.

Mas, sobre a definição do imperialismo, é preciso discutir sobretudo com Kautsky, o principal teórico marxista da época da chamada Segunda Internacional, ou seja, dos 25 anos compreendidos entre 1889 e 1914. Kautsky se colocou de maneira absolutamente decisiva em 1915, e já em novembro de 1914, contra as ideias fundamentais expressas na nossa definição do imperialismo, afirmando que se deve entender por imperialismo não uma “fase” ou um patamar da economia, mas uma política, justamente uma política determinada, a política “preferida” pelo capital financeiro, que é impossível “identificar” o imperialismo com o capitalismo contemporâneo, que, se se entende por imperialismo “todos os fenômenos do capitalismo contemporâneo” – cartéis, protecionismo, dominação dos financeiros, política colonial –, então a questão da necessidade do imperialismo para o capitalismo se reduz à “tautologia mais rasteira”, pois nesse caso, “evidentemente, o imperialismo é uma necessidade vital para o capitalismo” etc. Expressaremos com a máxima exatidão o pensamento de Kautsky se reproduzirmos a sua definição do imperialismo, diametralmente oposta à essência das ideias por nós expostas (pois as objeções do campo dos marxistas alemães que defenderam ideias semelhantes no decorrer de uma série de anos são já conhecidas desde há muito por Kautsky como objeções de uma corrente determinada do marxismo).

A definição de Kautsky é a seguinte:

O imperialismo é um produto do capitalismo industrial altamente desenvolvido. Consiste na tendência de toda nação capitalista industrial a submeter ou anexar cada vez mais regiões *agrárias* [o itálico é de Kautsky], quaisquer que sejam as nações que as povoam.¹

Essa definição não serve absolutamente para nada, visto que destaca de modo unilateral, ou seja, arbitrário, apenas a questão nacional (ainda que também seja da maior importância, tanto em si como em sua relação com o imperialismo), arbitrária e *incorretamente* relacionando-a *apenas* com o capital industrial dos países que anexam outras nações, e colocando em primeiro plano, da mesma forma arbitrária e incorreta, a anexação das regiões agrárias.

O imperialismo tem uma tendência a anexações: eis a que se reduz a parte *política* da definição de Kautsky. Ela está correta, mas é extremamente incompleta, pois no aspecto político o imperialismo é em geral uma tendência à violência e à reação. Aqui nos ocupamos, todavia, do aspecto *econômico* que o *próprio* Kautsky introduziu na *sua* definição. As incorreções da definição de Kautsky saltam à vista. O que é característico do imperialismo *não* é justamente o capital industrial, mas o capital financeiro. Não é um acaso o fato de que, na França, justamente o desenvolvimento particularmente rápido do capital *financeiro*, com o enfraquecimento do capital industrial, tenha provocado, a partir da década de 1880, uma intensificação extrema da política anexionista (colonial). O que é característico do imperialismo é justamente a tendência à anexação *não só* das regiões agrárias, mas mesmo das mais industriais (apetites alemães pela Bélgica; franceses pela Lorena), pois, em primeiro lugar, ao concluir a divisão do globo, ele é obrigado a fazer uma *redistribuição*, colocar a mão sobre *todo o tipo* de terras; em segundo lugar, faz parte da própria essência do imperialismo a competição de várias grandes potências em suas aspirações à hegemonia, ou seja, a tomada de terras não tanto para si diretamente, mas para enfraquecer o adversário e minar a hegemonia *dele* (para a Alemanha, a Bélgica é especialmente importante

¹ Karl Kautsky, "Der Imperialismus", *Die Neue Zeit*, v. 32, n. 2, 11 set. 1914, p. 909; ver também "Zwei Schriften Zum Umlernen", *Die Neue Zeit*, v. 33, n. 2, 23 abr. 1915, p. 107 e seg.

como ponto de apoio contra a Inglaterra; para a Inglaterra, Bagdá é ponto de apoio contra a Alemanha etc.).

Kautsky remete-se particularmente – e repetidas vezes – aos ingleses, que teriam formulado o significado puramente político da palavra “imperialismo” no sentido em que ele, Kautsky, entende. Tomemos o inglês Hobson e leremos no seu livro *Imperialismo*, publicado em 1902:

O novo imperialismo distingue-se do velho primeiro porque, em vez da aspiração de um só império crescente, segue a teoria e a prática de impérios que competem, cada um guiando-se por idênticos apetites de expansão política e lucro comercial; segundo, em virtude da predominância dos interesses financeiros, ou relativos ao investimento de capital, sobre os interesses comerciais.²

Como vemos, Kautsky está absolutamente errado em sua referência aos ingleses em geral (ele poderia ter referenciado os imperialistas ingleses vulgares ou os apologistas declarados do imperialismo). Como vemos, Kautsky, alegando que continua a defender o marxismo, na prática dá um passo atrás em relação ao *social-liberal* Hobson, o qual considera, com mais acerto do que ele, as duas particularidades “históricas concretas” (Kautsky, com a sua definição, troça precisamente do caráter histórico concreto!) do imperialismo contemporâneo: 1) concorrência de *vários* imperialismos; 2) domínio do financeiro sobre o comercial. E se se trata essencialmente do fato de um país industrial ter anexado um país agrário, então atribui-se o papel principal ao comercial.

A definição de Kautsky não só é incorreta e não marxista. Ela serve de base a um sistema inteiro de concepções que rompem em toda a linha com a teoria marxista e com a atuação prática marxista de que falaremos mais adiante. Carece absolutamente de seriedade a discussão de palavras levantada por Kautsky: o patamar mais recente do capitalismo deveria ser denominado imperialismo ou patamar do capital financeiro? Denomine-se como quiser, é indiferente. O essencial é que Kautsky separa a política do imperialismo da sua economia, interpretando as anexações como a política “preferida” pelo capital financeiro, e contrapondo a ela outra política

² John A. Hobson, *Imperialism*, cit., p. 324.

possível supostamente burguesa sobre a mesma base do capital financeiro. Conclui-se que os monopólios na economia são compatíveis com o modo de atuar não monopolista, não violento, não anexionista, na política. Conclui-se que a partilha territorial da Terra, finalizada precisamente na época do capital financeiro, e que serve de base para a peculiaridade das formas atuais de rivalidade entre os maiores Estados capitalistas, é compatível com uma política não imperialista. Disso resulta a dissimulação, o ocultamento, das contradições mais basilares do mais recente patamar do capitalismo, em vez da exposição de toda a sua profundidade; disso resulta o reformismo burguês, em vez do marxismo.

Kautsky discute com o apologista alemão do imperialismo e das anexões Cunow, que discorre de maneira grosseira e cínica: o imperialismo é o capitalismo contemporâneo; o desenvolvimento do capitalismo é inevitável e progressivo; portanto, o imperialismo é progressivo; portanto, devemos ser servis ao imperialismo e glorificá-lo! Algo semelhante à caricatura dos marxistas russos que os populistas faziam nos anos 1894 e 1895: se os marxistas consideram que o capitalismo é inevitável e progressivo na Rússia, diziam os populistas, devem dedicar-se a abrir tabernas e fomentar o capitalismo. Kautsky objeta a Cunow: não, o imperialismo não é o capitalismo contemporâneo, mas apenas uma das formas da sua política; podemos e devemos lutar contra essa política, lutar contra o imperialismo, contra as anexações etc.

A objeção, completamente plausível na aparência, equivale, na realidade, a uma defesa mais sutil, mais velada (e por isso mesmo mais perigosa) da conciliação com o imperialismo, pois uma “luta” contra a política dos trustes e dos bancos que deixe intactas as bases da economia de uns e outros não passa de reformismo e pacifismo burgueses, não vai além das boas e inofensivas intenções. Voltar as costas às contradições existentes, esquecer as mais importantes, em vez de as descobrir em toda a sua profundidade: eis a teoria de Kautsky, o que nada tem a ver com o marxismo. E é evidente que tal “teoria” serve apenas para defender a ideia da unidade com os Cunow!

“Do ponto de vista puramente econômico”, escreve Kautsky, “não está excluído que o capitalismo passe ainda por uma nova fase, a aplicação da

política dos cartéis à política externa, a fase do ultraimperialismo”³, isto é, o superimperialismo, a união dos imperialismos de todo o mundo, e não a luta entre eles, a fase da cessação das guerras sob o capitalismo, a fase da “exploração geral do mundo pelo capital financeiro, unido internacionalmente”⁴.

Será preciso que nos detenhamos mais adiante nessa teoria do ultraimperialismo, com o fito de demonstrar mais detalhadamente até que ponto ela rompe irremediável e decididamente com o marxismo. O que aqui devemos fazer, conforme o plano geral do nosso trabalho, é dar uma olhada nos dados econômicos precisos relativos a essa questão. “De um ponto de vista puramente econômico” seria possível o “ultraimperialismo”, ou seria isso um ultradisparate?

Se por ponto de vista puramente econômico entende-se a “pura” abstração, tudo o que se pode dizer reduz-se à seguinte tese: o desenvolvimento vai na direção do monopólio, portanto vai na direção de um monopólio mundial único, de um truste mundial único. Isso é indiscutível, mas, ao mesmo tempo, é absolutamente vazio, como seria dizer que o “desenvolvimento vai na direção” da produção dos artigos alimentares em laboratórios. Nesse sentido, a “teoria” do ultraimperialismo é tão absurda como seria a “teoria da ultra-agricultura”.

Mas se falamos das condições “puramente econômicas” da época do capital financeiro, como de uma época historicamente concreta, localizada nos princípios do século XX, a melhor resposta às abstrações mortas do “ultraimperialismo” (que servem exclusivamente a um objetivo dos mais reacionários: desviar a atenção das profundas contradições *existentes*) é contrapor-lhes a realidade econômica concreta da economia mundial moderna. As divagações desprovidas de conteúdo de Kautsky sobre o ultraimperialismo estimulam, entre outras coisas, a ideia profundamente errada, que põe água no moinho dos apologistas do imperialismo, de que o domínio do capital financeiro *atenua* a desigualdade e as contradições da economia mundial, quando, na realidade, o que faz é acentuá-las.

³ Karl Kautsky, “Der Imperialismus”, cit., p. 921; ver também “Zwei Schriften Zum Umlernen”, cit., p. 107 e seg.

⁴ Idem, “Zwei Schriften Zum Umlernen”, cit., p. 144.

R. Calwer, em seu livreto *Introdução à economia mundial*⁵, procurou resumir os principais dados puramente econômicos que permitem ter uma ideia concreta das relações na economia mundial em fins do século XIX e princípios do século XX. Calwer divide o mundo em cinco regiões econômicas principais: 1) a da Europa Central (toda a Europa, com exceção da Rússia e da Inglaterra); 2) a britânica; 3) a da Rússia; 4) a asiática oriental, e 5) a dos Estados Unidos, incluindo as colônias nas “regiões” dos Estados a que pertencem e “deixando de lado” alguns países não incluídos nas regiões, por exemplo: Pérsia, Afeganistão e Arábia, na Ásia; Marrocos e Abissínia, na África etc.

O seguinte quadro reflete, de forma resumida, os dados econômicos fornecidos pelo referido autor sobre as regiões citadas.

Principais regiões econômicas do mundo	Área (em milhões de km ²)	População (em milhões de habitantes)	Meios de comunicação		Comércio	Indústria		
			Ferrovias (em milhares de km)	Marinha mercante (em milhões de toneladas)		Importações e exportações (em bilhões de marcos)	Carvão (em milhões de toneladas)	Ferro fundido (em milhões de toneladas)
1) Da Europa Central	27,6 (23,6) ⁶	388 (146)	204	8	41	251	15	26
2) Britânica	28,9 (28,6)	398 (355)	140	11	25	249	9	51
3) Da Rússia	22	131	63	1	3	16	3	7
4) Asiática oriental	12	389	8	1	2	8	0,02	2
5) Dos Estados Unidos	30	148	379	6	14	245	14	19

Vemos três regiões com um capitalismo altamente desenvolvido (alto desenvolvimento dos meios de comunicação, do comércio e da indústria): a da

⁵ Richard Calwer, *Einführung in die Weltwirtschaft* (Berlim, S. Simon, 1906).

⁶ Os números entre parênteses indicam a área e a população das colônias.

Europa Central, a britânica e a estadunidense. Entre elas, três Estados que exercem o domínio do mundo: a Alemanha, a Inglaterra e os Estados Unidos. A competição imperialista e a luta entre esses Estados encontram-se extremamente exacerbadas em virtude de a Alemanha dispor de uma região insignificante e poucas colônias; a criação de uma “Europa Central” é ainda coisa do futuro e nasce por meio de uma luta desesperada. Por enquanto, o traço característico de toda a Europa é o fracionamento político. Nas regiões britânica e estadunidense, pelo contrário, é muito elevada a concentração política, mas há uma desproporção enorme entre a imensidão das colônias da primeira e a insignificância das da segunda. E, nas colônias, o capitalismo apenas começa a se desenvolver. A luta pela América do Sul vai se exacerbando cada dia mais.

Há duas regiões nas quais o capitalismo está desenvolvido de maneira frágil: a da Rússia e a asiática oriental. Na primeira, a densidade da população é extremamente fraca; na segunda, é elevadíssima; na primeira, a concentração política é grande; na segunda, não existe. A partilha da China está apenas começando, e a luta entre o Japão, os Estados Unidos etc., para se apoderar dela é cada vez mais intensa.

Comparemos essa realidade – a variedade gigantesca de condições econômicas e políticas, a desproporção extrema na rapidez de desenvolvimento dos diferentes países etc., a luta furiosa entre os Estados imperialistas – com a ingênua fábula de Kautsky sobre o ultraimperialismo “pacífico”. Não seria isso uma tentativa reacionária de um pequeno-burguês assustado que deseja se esconder da terrível realidade? Será que os cartéis internacionais, nos quais Kautsky vê os germes do “ultraimperialismo” (do mesmo modo que a produção de comprimidos em laboratórios “poderia” ser qualificada de embrião da ultra-agricultura), não nos mostram o exemplo da partilha *e da redistribuição* do mundo, a transição da partilha pacífica para a não pacífica, e vice-versa? Será que o capital financeiro estadunidense e o de outros países, que dividiram todo o mundo pacificamente entre si – com a participação da Alemanha, por exemplo, no sindicato internacional dos trilhos ou no truste internacional da marinha mercante –, não estão hoje *redistribuindo* o mundo com base na nova correlação de forças, a qual se modifica de uma maneira que *nada* tem de pacífica?

O capital financeiro e os trustes não atenuam, mas acentuam a diferença entre a velocidade de crescimento dos diferentes elementos da economia mundial. E uma vez que a correlação de forças mudou, como se podem resolver as contradições, *sob o capitalismo*, a não ser pela *força*? A estatística das ferrovias⁷ proporciona dados extraordinariamente exatos sobre a diferença na velocidade do crescimento do capitalismo e do capital financeiro em toda a economia mundial. Durante as últimas décadas de desenvolvimento imperialista, a extensão das ferrovias se alterou do seguinte modo:

Extensão das ferrovias (em milhares de quilômetros)

	1890		1913		Diferença	
Europa	224		346		+122	
Estados Unidos da América	268		411		+143	
Todas as colônias	82	} 125	210	} 347	+128	} +222
Estados independentes ou semi-independentes da Ásia e da América	43		137		+94	
Total	617		1.104			

As ferrovias se desenvolveram, portanto, com maior rapidez nas colônias e nos Estados independentes (e semi-independentes) da Ásia e da América. É fato conhecido que o capital financeiro dos quatro ou cinco maiores Estados capitalistas reina e governa ali de modo absoluto. Duzentos mil quilômetros de novas ferrovias nas colônias e em outros países da Ásia e da América significam mais de 40 bilhões de marcos de novos investimentos de capital em condições particularmente vantajosas, com garantias especiais de rendimento, com encomendas lucrativas para as fundições de aço etc. etc.

O capitalismo cresce mais rapidamente nas colônias e nos países ultramarinos. Entre eles, aparecem *novas* potências imperialistas (Japão). A luta entre os imperialistas mundiais se agrava. Aumenta o tributo que o capital

⁷ *Statistisches Jahrbuch für das Deutsche Reich*, 1915; *Archiv für Eisenbahnwesen*, 1892. No que se refere a 1890, foi preciso determinar aproximadamente algumas pequenas particularidades sobre a distribuição das ferrovias entre as colônias dos diferentes países.

financeiro recebe das empresas coloniais e ultramarinas, particularmente lucrativas. Na partilha desse “espólio”, uma fração excepcionalmente grande cai nas mãos de países que nem sempre estão em um dos primeiros lugares do ponto de vista do ritmo de desenvolvimento das forças produtivas. Nas potências mais importantes, tomadas em conjunto com suas colônias, a extensão das ferrovias era a seguinte:

Extensão das ferrovias (em milhares de quilômetros)

	1890	1913	Diferença
Estado Unidos	268	413	+145
Império Britânico	107	208	+101
Rússia	32	78	+46
Alemanha	43	68	+25
França	41	63	+22
Total para as 5 potências	491	830	+339

Assim, cerca de 80% de todas as ferrovias estão concentradas nas cinco maiores potências. Mas a concentração da *propriedade* dessas vias, a concentração do capital financeiro, é ainda incomparavelmente mais significativa, porque, por exemplo, a imensa maioria das ações e obrigações das ferrovias estadunidenses, russas e de outros países pertence aos milionários ingleses e franceses.

Graças às suas colônias, a Inglaterra aumentou a sua rede ferroviária em 100 mil quilômetros, quatro vezes mais do que a Alemanha. Entretanto, é amplamente conhecido que o desenvolvimento das forças produtivas da Alemanha nesse mesmo período, e sobretudo o desenvolvimento da produção carvoeira e siderúrgica, foi incomparavelmente mais rápido do que na Inglaterra, sem falar na França e na Rússia. Em 1892, a Alemanha produziu 4,9 milhões de toneladas de ferro fundido contra 6,8 milhões da Inglaterra, enquanto em 1912 produzia já 17,6 milhões contra 9 milhões, isto é, uma superioridade gigantesca sobre a Inglaterra⁸! Pergunta-se: *no terreno do*

⁸ Compara-se também com Edgar Crammond, “The Economic Relations of the British and German Empires”, *Journal of the Royal Statistical Society*, jul. 1914, p. 777 e seg.

capitalismo, que outro meio poderia haver, além da guerra, para eliminar a desproporção existente entre o desenvolvimento das forças produtivas e a acumulação de capital, por um lado, e, por outro, a partilha das colônias e das “esferas de influência” do capital financeiro?